

Ciberraízes:

Ensaio sobre agenciamento do livro e suas ramificações hipertextuais em redes sociais*

Ocinei Trindade de Oliveira**

Resumo

O termo “ciberraiz” é inspirado no conceito de *rizoma* de Gilles Deleuze e Félix Guattari, um pretense *neologismo* para auxiliar na reflexão sobre a influência da Internet na produção literária atual, esta cada vez mais conectada às redes sociais, e promovida por escritores consagrados e “anônimos” ou pouco conhecidos. O ensaio parte da iniciativa da escritora-atriz Maitê Proença que, em 2013, publicou o livro *É duro ser cabra na Etiópia*, com auxílio de internautas em uma criação coletiva-colaborativa. O ensaio propõe ainda, retomar as questões sobre autoria e obra, refletidas por Roland Barthes e Michel Foucault, o conceito de virtualidade de Pierre Lévy, e também, por alguns dos escritores que participaram do livro pesquisado.

Palavras-chave: Ciberraiz. Rizoma. Literatura virtual.

Introdução

Por onde circulam os livros e os textos nesta segunda década do terceiro milênio além do formato tradicional impresso em papel? Ao concluir esta pergunta, incontáveis escritos, milhões ou bilhões desses, no mínimo, foram produzidos e publicados em um segundo apenas na rede mundial de computadores. A palavra e as idéias passaram a ter cada vez mais urgência, velocidade e evidência, sejam em qualquer idioma ou estilo na *World Wide Web* ou na rede de alcance mundial.

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação da Professora Doutora Analice de Oliveira Martins, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ.

** Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). Mestrando em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Campos dos Goytacazes, RJ. E-mail: ocinei@gmail.com.

O pretensioso neologismo “ciberraíz” resulta da metáfora *deleuziana* que se apropria do rizoma. A possibilidade de refletir o *livro* por meio do ciberespaço e das raízes conectivas que se espalham pela mente e memória, leituras e leitores, está proposta neste ensaio. As distâncias geográficas já não impedem, faz tempo, que a comunicação entre as pessoas se realize e se transforme. Quem escreve o quê?

Com tanta informação, imagens, vídeos e postagens se propagando incessantemente na Internet, sobra espaço para reflexão de autores e para livros? Há quem diga que sim, e ainda, há quem tire proveito desse fenômeno *on line*. Se René Descartes estivesse conectado na rede, talvez, não concluísse apenas “*eu penso, logo existo*”, mas “*eu posto, logo existo*”. E de um jeito inovador e tecnológico, autores de livros e textos procuram formas de escritas e leituras existentes no ciberespaço. Por sua vez, há leitores que procuram modos de existir e de agir através da leitura que circula em formatos digital ou impresso. A escrita está sempre provocando algum tipo de conexão ou reação para quem vai ao seu encontro. Quem não está com o dispositivo *search* acionado, também pode se surpreender com qualquer palavra ou frase que venham alcançá-lo de modo inesperado, randômico ou aleatório. *Se eu leio, logo existo?* Há quem transforme leituras em narrativas e em múltiplas possibilidades de escritas e escrituras virtuais ou impressas.

O conteúdo de milhares de livros tem sido disponibilizado na *web* sob diversos formatos. Alguns chegam a ser reproduzidos na íntegra em suas edições impressas, replicando capas e números de páginas idênticos. O livro se reinventa e vai parar na rede, seja em modelos de *E-books*, *Compact Disc*, *Digital Versatile Disc*, *Portable Document Format*, fragmentado ou completo, gratuito ou pago, ou pronto para ser vendido no modelo convencional (impresso) ou *high-tech* em algum sítio eletrônico mais próximo do clique do navegador.

E quando o conteúdo de um livro tradicional é formado apenas por contribuições e textos produzidos e enviados por internautas? Parte do que circula na Internet também pode ser transformada em objeto-livro. Este é o caso de *É duro ser cabra na Etiópia* (2013), editado pela escritora Maitê Proença, a qual reuniu cento e sessenta e nove textos de colaboradores alcançados por uma rede social. No ciberespaço, é provável que o terreno para a literatura torne-se mais vasto, fértil e ramificado por meio de suas múltiplas conexões que se espalham pela teia infinita. E o livro é capaz de promover e ligar quantos hipertextos, redes de pensamentos e informação? Talvez, não se possa contar, nem calcular.

I-O que é um autor (vivo ou morto) virtual?

Segundo Pierre Lévy, o texto é um objeto virtual, abstrato, independente de suporte específico. O filósofo francês, na obra *O que é o virtual?*, aborda no primeiro capítulo *A Leitura, ou a Atualização do Texto*, a entidade virtual do texto que se atualiza sob efeito-cascata em versões multiplicadas, traduzidas, editadas ou copiadas. Compete ao leitor, levar adiante todas estas possibilidades em um emaranhado de textos que se misturam e se atravessam. Ao desdobrá-los, busca-se dar (novo) sentido a eles, atualizando-os e, conseqüentemente, também tornando atual e adaptado nosso próprio espaço mental. E o que fazer da escrita que circula de algum modo pela *web*? O conceito de autoria se (des)atualiza e (des)potencializa sob quais prováveis aspectos? Já faz algum tempo que críticos literários passaram a (re) ver as possibilidades de se “dispensar” a importância da figura do *autor* de textos que ora lemos, ora (re) escrevemos. Neste ensaio, proponho refletir sobre a autoria do livro *É duro ser cabra na Etiópia*, publicado em 2013. A obra foi escrita por dezenas de autores com ajuda da Internet, a partir da iniciativa da escritora Maitê Proença.

O título inusitado surgiu proveniente de uma conversa informal entre ela e amigos, que discutiam as origens do café. Especularam que os primeiros grãos da bebida foram preparados muitos séculos atrás na África, a partir de cabras etíopes que consumiam o fruto vermelho nas árvores, e os evacuavam após digestão, para serem transformados em drinque energético por seus criadores. A vitalidade que os animais demonstravam ao ingerir o fruto fez com que os pastores de cabras obrigassem os bichos a comerem ainda mais café para que as fezes se tornassem matéria prima para a bebida que seria mais tarde. Devia ser dura vida dessas cabras, segundo a escritora. Ela conta que em um espetáculo teatral com atores portugueses e brasileiros que participou como espectadora, a platéia poderia sugerir frases para que os artistas improvisassem uma encenação. Ela propôs a frase “é duro ser cabra na Etiópia” e os atores conseguiram criar uma história baseada na sugestão. O fato repercutiu quando um determinado jornal carioca publicou o que acontecera no teatro. Uma conversa informal, aparentemente tosca e escatológica, pode se conectar às artes cênicas, passear no ciberespaço e pousar nas páginas de um livro? Em literatura e em cibernética tudo parece possível.

Com o título na cabeça, a atriz e escritora achou que um livro poderia ser construído de maneira humorada e criativa com a ajuda da Internet. Criou um sítio eletrônico onde ofereceu aos seus seguidores a proposta de que estes lhe escrevessem histórias, crônicas, contos ou poesia inspirados na frase “é duro ser cabra na Etiópia”. Os textos não poderiam exceder a 1500 caracteres; deveriam possuir alguma comicidade ou emoção que tocassem a idealizadora da obra. Quase dois mil escritos foram enviados por autores desconhecidos, e

também por alguns renomados como Mário Prata, Carlos Heitor Cony e José Eduardo Agualusa. “Minha cabra havia nascido do acaso, no contexto da surpresa. Por que não elaborar um livro com material desconhecido? Inventar algo a partir do que não domino ou determino?” (PROENÇA, 2013, p.5).

A empreitada para receber e selecionar textos foi árdua, segundo a escritora. Coube à esta, a tarefa de edição e separação dos escritos que tivessem alguma ligação entre si. Assim, foram agrupados cento e sessenta e nove produções em vinte capítulos. Os títulos de cada capítulo também são inusitados, como por exemplo, *Atestado de óbvio ou salada fúnebre*, *Não queria um livro com autor-referências, mas fazer o quê?*, *Língua de fora*, *Por eças e ostras ou nós pega os peixe*, entre outros. Cada um dos textos, no alto da página, em letras discretas, aparece o nome de seus respectivos autores. Na capa do livro, o nome da atriz e escritora Maitê Proença é estampado primeiramente no alto, tem o mesmo tamanho do título que está posicionado na parte de baixo. Intencionalmente ou não, o nome da artista se destaca com o número de exemplares já vendidos durante sua carreira de escritora, mais de cem mil livros, contabiliza. Seria uma estratégia de marketing? Na ficha de catalogação, a obra é apresentada ao público como um livro de crônica brasileira, e entre parênteses, o termo “edição” precede o nome de Maitê Proença. Afinal, quem é o autor desse livro escrito por tantas pessoas? Um editor também pode ser autor e vice-versa? Como nomear uma obra coletiva e destacar apenas um titular em sua realização? *Basta querer e haver aprovação de todos*, alguém poderia dizer. Até que ponto é importante o nome autoral em uma obra literária e quando, se é que é possível, o nome do *autor* se torna irrelevante?

Quando Michel Foucault participou de um encontro na Sociedade Francesa de Filosofia, em 1969, para discorrer sobre os argumentos da importância de quem fala, o princípio ético da escrita contemporânea e o apagamento do autor que se tornou tema frequente para críticos da época, constata-se que, quase meio século depois, a questão da autoria de uma obra segue instigando estudiosos e curiosos por livros, escritores e biografias. Na publicação *O que é um autor?*, Foucault propõe uma ampla reflexão sobre a função e posição exercidas pelo autor, além de sua nomeação, relações de apropriação e atribuição. Um ano antes, o pensador Roland Barthes polemizou ao publicar o artigo *A morte do autor*, onde destaca, entre outras observações, a modernidade da personagem *autor*, que seria uma “nova invenção” que surge após a Idade Média, ao empirismo inglês, ao racionalismo francês e a Reforma Protestante, quando a sociedade descobriu o nobre prestígio do indivíduo ou da “pessoa humana”. Anteriormente, a narrativa era o que mais importava ao ser performatizada por um mediador ou recitante. Em um trecho do artigo, Barthes afirma que o afastamento do

Autor não é apenas um fato histórico ou um ato de escritura: ele transforma radicalmente o texto moderno. Em tempos de virtualidade cibernética, teria Maitê Proença tirado proveito dessa possibilidade também? Barthes segue refletindo sobre *texto e autor*:

...(o texto é, doravante, feito e lido de tal forma que nele, em todos os níveis, ausenta-se o autor). O tempo, primeiro, já não é o mesmo. O Autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado de seu livro: o livro e o autor colocam-se por si mesmos numa mesma linha, distribuída como um *antes* e *depois*; considera-se que o Autor *nutre* o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está para a sua obra na mesma relação de antecedência que um pai para filho. Pelo contrário, o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto...(BARTHES, 2004, p.61)

Quando Roland Barthes escreveu *A morte do autor*, em 1968, o mundo ainda não se conectava por intermédio da rede de alcance mundial. Os computadores pessoais, *smarthphones*, *tablets*, *notebooks* e afins, ainda não faziam parte da rotina de grande parte da humanidade. Barthes deixou este planeta em 1980, e não chegou a testemunhar a revolução provocada com o advento da Internet. Se estivesse entre nós, o que poderia dizer sobre autoria quanto aos fenomenais sítios de relacionamento pessoal, enciclopédias virtuais, *hiperlinks* e hipertextos no ciberespaço? O *autor* ou o que este representa estaria sepultado de uma vez por todas, ou teria ressuscitado o *escritor* assumindo infinitas formas de vida para uma eternidade de possibilidades? Barthes, em seu artigo, possibilita conceder ao leitor, uma espécie de poder e decisão sobre que o deve ser feito ou destinado ao *autor* e ao texto:

...há, entretanto, alguém que ouve cada palavra na sua duplicidade, e ouve mais, pode-se dizer, a própria surdez das personagens que falam diante dele: esse alguém é precisamente o leitor (ou, no caso, o ouvinte). Assim se desvenda o ser total da escritura: um texto é feito de escolhas múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino já não pode ser pessoal... (BARTHES, 2004, p.64).

O referido artigo é encerrado com uma sentença *barthesiana*. O texto afirma que, “para devolver à escritura o seu futuro, é preciso inverter o mito: o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor”. De acordo com Barthes, toda escrita se fundamenta em textos anteriores, reescrituras, normas, convenções para entendimento do que está escrito ou publicado. A relativa falta de importância da biografia do *autor* de um determinado texto se diferencia quando este nome é famoso e carrega algum *curriculum vitae* de peso e influência,

como por exemplo, o nome da editora Maitê Proença na obra *É duro ser cabra na Etiópia?* Se é possível matar o *autor*, o mesmo aconteceria com o *editor*?

Provavelmente, os textos reunidos por Maitê Proença poderiam ser apresentados ao público apenas em seu sítio eletrônico. Entretanto, ela optou em dar às produções literárias até então anônimas, a forma mais tradicional de circulação, por meio do *objeto-livro*. Fez do conteúdo de contribuições solidárias e voluntárias uma coletânea de textos livres que dialogam (ou não) entre si. O objeto-livro também foi transformado em conceito de arte-coletiva, com gravuras e fotografias enviadas por internautas, assim como a maior parte dos textos, dando ao *produto social* características de construção colaborativa. A *autora-editora*, em muitas ocasiões, se comporta na escrita de *É duro ser cabra na Etiópia* como se estivesse navegando na Internet. Utiliza a prática do hipertexto, acrescentando ou comentando os textos dos colaboradores, interferências estas, escritas à mão, mas reproduzidas graficamente impressas nas páginas do livro; destina páginas e espaços em branco para que o leitor também possa fazer anotações ou contribuições hipertextuais aos contos e crônicas publicados; faz uso do *internetês*, modo adaptado do idioma corrente ao cotidiano informático como desenhos, sinais, siglas e abreviações de palavras como “vc”, em vez de você, entre outras práticas comuns aos navegadores.

Para Jean Clément, autor de *Do livro ao texto: as implicações intelectuais da edição eletrônica*, com a era digital, a mudança de hábitos de escrever e pensar já é constatada. Para ele, trata-se de um caso mais fundamental que a invenção da imprensa, já que esta não subverteu o livro, mas multiplicou sua difusão. Clément observa que o livro em seu país, a França, usufrui de um estatuto particular, faz parte de um universo patrimonial e intelectual, é um elemento de grande representação familiar e cultural, capaz de constituir com frequência um sinal de distinção exibido pelo ego. Com o advento e o consumo das mídias audiovisuais, Clément questiona sobre se os hábitos franceses irão mudar quanto ao seu tradicional objeto-fetichado, o livro. “Graças ao procedimento de digitalização, o texto doravante está separado do objeto-livro. Essa mutação marcará sem dúvida o fim da era inaugurada pela invenção do livro” (SÜSSEKIND, 2003, p.28). Não é tão simples definir a afetividade ou comoção que um livro possa causar no Brasil. Aqui e em outros tantos países, livro também é visto como enfeite, bibelô de grife ou sinônimo de *status*. Apesar de tal especulação, é provável que ainda resistamos às novas invenções e configurações da escrita ou do texto, preferindo seu formato tradicional, impresso em papel e encadernado. Com as inovações tecnológicas de outrora, pedras lascadas e papiros manuscritos perderam espaço, sabemos. Questiona-se o fim do livro e das edições impressas. Apesar de suas limitações físicas, nos últimos cinco séculos o livro

se propõe manter ao alcance do leitor, de ser tocado, manuseado, vasculhado, explorado. E a Internet, com seus bilhões de textos circulando por segundo, é capaz de alcançar de que jeito seus leitores? Talvez não se possa calcular em números exatos.

O livro *É duro ser cabra na Etiópia* exhibe aspectos *hipertextuais* ou *internéticos* da maneira como se apresenta. Trata-se de uma leitura nem um pouco linear. O *leitor/navegador* pode iniciar a leitura a partir de qualquer página, da esquerda para a direita ou ao contrário, sem afetar a narrativa ou compreensão. Por não se tratar de um romance, mas de crônicas, contos e poemas, esta prática torna-se mais fácil e acessível. As muitas vozes presentes na Internet também ecoam no livro. Para Maria Augusta Babo, “a rede comporta um arquivo imenso, infinito e perene, aliado a uma produção imediata, não linear e efêmera” (SÜSSEKIND, 2004, p.105). Conteúdos oriundos da Internet aplicados em um livro impresso poderiam ser congelados no espaço e se perpetuarem de que maneira na era digital? Em qual lugar ou território comporta um texto? De algum modo, (im)pensado ou (in)consciente, Maitê Proença se vale da rede para a realização de sua obra publicada em 2013, da questão do hipertexto como nova forma de escrita refletida por Babo. A voz de Proença e sua escrita, visíveis ou invisíveis, aparecem em quase todas as páginas do livro, ligando algum comentário ou observação aos textos escritos por seus colaboradores. A pesquisadora Maria Augusta Babo reflete ainda sobre esse e outros comportamentos da escrita na rede:

...A escrita digitalizada, em ambiente de ligação em rede, goza da mesma prerrogativa da fala, isto é, do estatuto do directo, do actual, do simultâneo, do efêmero, simulando assim a natureza presencial da voz. A Internet baseia-se sobretudo neste carácter dialogal, reticular e simultâneo da comunicação, arrastando a escrita nesse movimento. Só que não se trata doravante de presença do corpo, de presença enquanto corpo, matéria, geologia, mas antes de confluência de espaços diversos no mesmo tempo...”(SÜSSEKIND, 2004, p.105, p.106).

Baseado no conceito *rizoma* de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, podemos cogitar a semeadura de uma obra como *É duro ser cabra na Etiópia* em cultivo rizomático? Faz-se rizoma do livro e a Internet? Não é difícil responder esta questão diante das constatações dos dois pensadores quanto ao universo múltiplo e ramificado contido em *texto* e em livro. Para ambos, o livro é considerado um *agenciamento*. “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas há também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação”(DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.11). Os princípios de *rizoma* e as comparações com as representações do *livro* ou do *texto*, provocam no leitor, um olhar amplificado e diferenciado, inovador e intrigante. Os princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura, cartografia e decalcomania estão

contidos no livro escrito e editado, idealizado e realizado por Maitê Proença. Esse rizoma batizado por *livro-internet* pode fazer explodir e espalhar sementes de galáxias imagináveis e desconhecidas ao se ler. Quanto ao livro e suas entranhas espaciais, Deleuze e Guattari se permitem ainda declarar:

...Não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como é feito. Um livro tampouco tem objeto. Considerado como agenciamento, ele está somente em conexão com outros agenciamentos, em relação com outros corpos sem órgãos. Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, com uma máquina revolucionária e com uma máquina *abstrata* que as arrasta...(DELEUZE, GUATTARI, 1994, p.12)

Se a *net machine* serve de agenciamento para o livro, propiciando a maior gama de diálogos possíveis, por que não tirar proveito desse acontecimento oferecido pela literatura? Deleuze e Guattari provocam o leitor a pensar e a contextualizar sobre sua ligação com o livro de multiplicidades: “Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (1994, p.25).

II- A onipresença (in) visível do autor e do editor

Apesar de catalogograficamente ser apresentada como editora do projeto literário *É duro ser cabra na Etiópia*, há quem questione se Maitê Proença seja somente autora da obra, apesar de dezenas de textos serem fornecidos e escritos por outros autores que ela selecionou criteriosamente. Para que a escolha se concretizasse, Proença primeiramente assumiu a posição de *leitora*. Ao selecionar cada texto que iria se juntar a outros na obra, ela não escondeu dos *escritores-navegadores* que apenas publicaria aquilo com o qual se identificasse, que de algum modo a tocasse, comovesse ou gracejasse. Quase sempre nos apropriamos de textos alheios para nos representar ou nos dar voz, palavras e idéias que também pensamos e queremos ter. Talvez, Maitê Proença tenha agenciado outros autores para completar em conexões (in)conscientes aquilo que gostaria de tornar público, mas que ainda não tinha realizado solitária ou individualmente. Certamente, ela não optou pelo caminho mais fácil, já que a construção e a lapidação de seu livro percorreram sendas e fendas de complexidades real e virtual. A fim de saber o que pensam os *escritores-navegadores* que colaboram com Proença em *É duro ser cabra na Etiópia*, recorri a algumas redes sociais para tentar identificá-los e localizá-los. Por meio do *Facebook* e correio eletrônico, obtive o retorno dos escritores Afonso Caramano, Célia Musilli, Geraldo Trombin e Rosana Banharoli que responderam as mesmas questões sobre a experiência de integrarem a lista de autores

selecionados para o projeto de Maitê Proença; se cada um deles se considera autor do livro; sobre qual é o papel de Proença na obra, se ela seria só editora ou apenas autora; e se cada um deles poderia classificar a definição "autor", além de dizer o que seria mais importante: se a obra ou o autor. O primeiro a responder foi o escritor Geraldo Trombin que possui dois minicontos, *Rinha* e *As Irmãs Cabrum* no livro, sendo que *Rinha* conta com comentário hipertextual de Maitê Proença. Para Trombin, paulista da cidade de Americana, autor de dois livros e de cento e cinquenta publicações resultadas de concursos literários, participar do livro foi uma importante conquista:

“ Foi uma experiência única e muito importante figurar em uma obra desse porte, escrita e organizada pela grande escritora e atriz Maitê Proença. A autoria do "Cabra" é da Maitê., tendo nesse projeto várias participações, entre elas, as de alguns escritores já consagrados. Não me considero autor propriamente dito, mas um coadjuvante, afinal a ideia do projeto foi dela, a organização da seletiva foi dela, a editoria foi dela, e nós "pegamos carona" nessa belíssima ideia. É de sua autoria sim, pois ela tem textos também publicados no Cabra, inclusive, ela fez uma intervenção na página do meu "Rinha", o que achei muito legal. Os textos "manuscritos" são intervenções da Maitê. É uma coisa fundamental para a divulgação do livro, já que ela atrelou o lançamento do Cabra à apresentação da sua peça (À beira do abismo me cresceram asas), o que achei fantástico, pois sempre após a apresentação da peça, acontecia o lançamento do livro nas cidades mais importantes do país”(TROMBIN, 30.mar.2015)

Para a escritora brasiliense, Célia Musilli, autora do texto *Zen*, foi uma experiência boa e enriquecedora porque várias pessoas enviaram textos e algumas foram selecionadas para a publicação. Havia pessoas do Brasil inteiro, com muita diversidade de ideias, algumas bem criativas. “Sim, sou autora, na verdade, co-autora porque se trata de uma coletânea de textos. Maitê teve a ideia, ajudou a selecionar os textos e publicou coisas dela. Achei a ideia interessante. Ganhou divulgação por ela ser uma atriz conhecida também” (MUSILLI, 20.mar.2015). Já o escritor paulista da cidade de Jaú, Afonso Caramaro, em sua entrevista, ele chama a atenção para o fato de Maitê Proença se apresentar como editora do livro, quando o mesmo conta com uma editora responsável (Cristiane Costa) nos créditos de fichamento:

“Participei sim, do livro com o texto "Conversa de Cabras" - na época, uma amiga enviou o link do projeto (aberto a todos na Internet), e resolvi participar. Enviei o texto, que acabou selecionado. Essa questão de autoria implica várias considerações. Parece-me que, no caso, Maitê Proença teve um papel de editora (embora o livro também traga uma editora responsável), com interferências mais explícitas (não, propriamente nos textos, pelo menos não no meu), como se vê no projeto gráfico (os textos "à mão" que ela introduziu). Talvez por uma questão mercadológica tenha-se vendido essa ideia dela como autora, mas se pode considerar também uma co-autoria (entre todos os participantes e ela), no 'direcionamento' (organização) desse material. Pelo que sei, todos tiveram liberdade (autoral) de escrever a apresentar seu material, e a Maitê (leitora desses textos) fez, de certo modo, o seu próprio "texto". É diferente, portanto, de um projeto/livro de autoria única, em que o produto final, vamos dizer assim, não apresente tais interferências tão explícitas. São questões bem interessantes”. (CARAMANO, 22.mar.2015).

A escritora Rosana Banharoli, paulista de Santo André e detentora de várias premiações em concursos literários nacionais e internacionais, participou de *É duro ser cabra na Etiópia* como autora dos contos *A Vingança* e *Outro almoço de domingo*. Para ela, faltou um pequeno detalhe quanto à autoria do livro de Maitê Proença:

Acredito que no livro falte a inscrição: Maitê Proença e outros autores. O projeto é todo dela. A abertura para a participação de outros autores foi transparente, via internet. O processo foi claro e aberto o tempo todo, assim, participou quem concordou. Quando fui classificada com os dois contos, também assinei termo de cessão de direitos autorais, portanto o livro é dela. Vi um processo de difusão cultural, pois além dos textos, Maitê, também usou de recursos gráficos e fotos de outros. Colaboraram autores, fotógrafos, ilustradores de nomes já reconhecidos na cultura nacional e nós outros, ainda na estrada do reconhecimento público. Estar no projeto dela junto a estes nomes profissionais só ajudou e ainda ajuda para a nossa difusão. Existem vários projetos de editoras que organizam concursos para antologias e, ainda, cobram por edição cooperativada, sem grande divulgação e sem direitos autorais. Enxergo, no projeto de Maitê, generosidade, pois ela é capacitada para obras exclusivamente autorais e não precisaria deste recurso de inclusão de autores para compor sua obra. A única ressalva mesmo é a inclusão de outros autores, porque a divulgação foi incrível! Respondendo, Maitê é a autora do projeto e do livro. Não me considero autora do livro. Sou uma das autoras no livro dela (BANHAROLI, 21.mar.2015)

Considerações finais

Não é difícil constatar a multiplicidade de conexões provocadas pela leitura, sejam por meio do livro e seus pares, sejam por meio da teia difusa propagada pela Internet. Se o livro é um agenciamento, como afirmam Deleuze e Guattari, a obra promovida por Maitê Proença é um agenciamento que comprova a tese dos dois pensadores. A escritora, além de editora e autora de *É duro ser cabra na Etiópia*, atua como agenciadora *dos livros*, de vários autores e, de um modo especial, de leitores. Antes de ser editado e concluído, a própria Proença foi leitora, realizando assim as associações pertinentes para que o livro viesse a público, e depois sucedesse o que se espera de uma obra: viajar sem rumo certo, mas visando pousar sobre as mãos e olhos do *leitor*, este empoderado, provavelmente, antes mesmo de Roland Barthes, mas que depois da constatação do pensador francês, se tornou ainda mais prestigiado.

O título deste ensaio, “*Ciberraiz*” é uma provocação rizomática, assim como o próprio livro o é. Vivemos uma era em que o suporte de leitura, talvez, não seja o mais relevante. O texto por si só se derrama e irradia com a autonomia que possui, se associando ao leitor que também é autônomo para garantir a fundição devida à leitura. Procurando saber origem ou significado das palavras *cibernético* e *raiz*, nos deparamos com algumas versões. Para *raiz*, por exemplo, há dezenas de sinônimos, entre os quais, *causa*, *ação*, *fato*, *motivo*, *semente*, *aurora*, *genealogia*, *cadeia*, *conexão*, *lastro*, *nexo*, *nó*, *gênese*, *afeição*. São palavras capazes de descrever o que a *leitura/texto/livro* semeiam enquanto se lê, desde a sensação à reação.

Até mesmo a indiferença ao livro já seria um ponto de partida para se buscar explicações sobre a dificuldade de conexão com o suposto leitor desinteressado. Há raízes que fincam e não se espalham muito além de seu território natural. Entretanto, sendo erva daninha ou árvore, as raízes produzem sementes em algum momento que vão se espalhar ou tentarem germinar de algum modo. Assim também ocorre com o texto, a palavra, o *livro-semente* e o *livro-raiz* ou clássico, este observado e destacado por Deleuze e Guattari.

Cibernético vem da palavra grega *kibernetiké* que significa timoneiro; o que governa; o timão da embarcação; o homem do leme no sentido figurado; ou aquele que dirige ou regula qualquer coisa. Quanto à *cibernética*, coube a Norbert Siener utilizar o vocábulo nos moldes que conhecemos atualmente, depois que fisiologistas e matemáticos procuraram um termo que exprimisse a unidade essencial dos problemas de comunicação e controle nas máquinas e nos seres vivos. É uma ciência que estuda homens, animais e máquinas como um todo, interessada mais nas semelhanças do que nas diferenças entre esses reinos. Durante a II Guerra Mundial, pôde-se pela primeira vez, se utilizar da cibernética em prática através do britânico Alan Turing, precursor da invenção do computador, retratado na obra *Alan Turing: the Enigma*, de Andrew Hodges. A biografia foi transportada para o cinema em 2014 por Morten Tyldum, diretor de *O jogo da imitação*, protagonizado por Benedict Cumberbatch no papel de Alan Turing. Tentar ser *raiz* no ciberespaço é desafiador. A escritora e mediadora Maitê Proença tentou e conseguiu realizar um livro com várias conexões. Potencialmente, é duro ser escritor, ser leitor, e ser *ciberraiz* em qualquer lugar do mundo, mas a possibilidade de navegações e leituras pode e deve ser bem útil e proveitosa.

Referências

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

CITADOR, disponível em <http://www.citador.pt/textos/penso-logo-existo-rene-descartes> (acessado em 20.03.2015)

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, Volume I**. São Paulo: Ed.34, 1995

DICIONÁRIO INFORMAL, disponível em

<http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/raiz/> (acessado em 25.03.2015)

FACEBOOK, disponível em

<https://www.facebook.com/celia.musilli?fref=ts> (acessado em 20.03.2015);

<https://www.facebook.com/AfonsoCaramano?fref=ts> (acessado em 20.03.2015);

<https://www.facebook.com/geraldo.trombin?fref=ts> (acessado em 20.03.2015);

<https://www.facebook.com/rosana.banharoli?fref=ts> (acessado em 20.03.2015).

FOUCAULT, Michel. **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?**. São Paulo: Ed.34, 1996

PROENÇA, Maitê. **É duro ser cabra na Etiópia**. Rio de Janeiro: Agir, 2013

SUSSEKIND, Flora. (Org.) **Historiografia, literatura e as técnicas da escrita:do manuscrito ao hipertexto**. Rio de Janeiro: Vieira e Lent, 2004

WIKIPEDIA, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum (20.03.2015);

http://pt.wikipedia.org/wiki/Roland_Barthes (acessado em 21.03.2015)